

EM FAMÍLIA

Na Lapa, onde a união está em primeiro lugar



O casal Lothar Charoux e seu pessoal: da esquerda para a direita, o filho Lothar, Sueli, a nora Wlódzia, Raul Sergio e Claudio Ivan.

O casal Charoux já completou 33 anos de união, tem três filhos (de 32, 30 e 21 anos), mora há mais de trinta anos na mesma casa (alto da Lapa) e acha que a vida nunca esteve tão tranquila como agora. Lothar Charoux, que foi comprador de uma grande firma de fios e materiais elétricos em São Paulo durante 36 anos, é hoje um dos desenhistas geométricos de maior expressão no País, nada procura esconder:

— Afora em descontrola emocional ou outro, aqui tudo é na base do bom relacionamento. A Ondina (sua mulher) é camarada, os filhos (o único casado é o mais velho, Raul Sergio, com Wlódzia) são meus amigos de verdade. Minhas obras de arte começam a ser entendidas e cada vez mais procuradas. Já sofri sete enfartes mas disposição para o trabalho e bons papos não me faltam. Então, que mais posso querer?

De origem austríaca (está no Brasil há 45 anos) depois de estudar no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e com Waldemar da Costa, Lothar, desde 1942 participa da vida artística brasileira. Nesses trinta anos de pintura e desenho, tomou parte das mais importantes exposições no País e no exterior. Figurou em quase todas as Bienais de São Paulo, ganhou o primeiro prêmio da I Bienal de Santos e muitos outros. Tem obras em museus e em coleções particulares de vários Estados.

— O mais difícil de tudo é ser a mulher do artista, diz, brincando, dona Ondina, e comenta que o marido tem “o péssimo costume de deixar tudo para a última hora”, referindo-se aos compromissos assumidos por Charoux: a retrospectiva que realizará no Museu de Arte Moderna de São Paulo em maio e a individual programada para setembro na “Cosme Velho”. Charoux precisa elaborar muitas obras e recolher outras em poder de colecionadores.

— Correr muito pouco adianta, se defende o desenhista, calmo e mais preocupado em mostrar alguns de

seus antigos trabalhos como os retratos a óleo de Maria Leontina e Grassmann, ou objetos em acrílico ou desenhos que figuraram na última Bienal paulista (dois foram adquiridos pelo Itamarati).

Os filhos, que tratam o pai de “velho” e o consideram um “amigo”, dizem que tiveram por parte dele encaminhamento salutar. Raul Sergio dirige o Curso Módulo, Claudio Ivan montou uma agência de automóveis no bairro (Policolor) e o caçula ini cia-se na carreira de gravador. O artista lembra:

— E dizer que se minha mãe não tivesse vindo para cá, talvez tudo fosse diferente. De fato, minha mãe era modista de uma companhia teatral austríaca. No início do século excursionou pelo Brasil, especialmente por Santa Catarina. Um belo dia o grupo todo voltou, menos ela. Tempos depois, me pedia para vir para cá também. Eu estava com 16 anos. Diante da carta, arrumei as malas e vim direto para São Paulo. Em pouco tempo me adaptei.

Os filhos informam que o “velho” jamais se preocupou com outra coisa senão o seu desenho geométrico e a harmonia da casa. E brincam com o consumo permanente de vinho e de uísque pelo artista, “com ou sem enfarte”.

Charoux ri, mas não toma conhecimento do que é dito e prefere lembrar que somente nos últimos cinco anos está, como sempre quis, vivendo exclusivamente da arte. Já no seu ateliê, acentua:

— “Eu sei que as minhas composições não são fáceis de serem compreendidas logo. Mas eu me propus realizar um tipo de criatividade e dele nunca me afastei. Aos poucos acho que estou impondo o que realizo. O caminho é árduo, mas isso não me assusta nem me deixa desanimado. Procuro depurar cada vez mais as linhas e formas que realizo. E pretendo voltar logo à pintura a óleo. Como vê, tenho muito por fazer, ainda”. — Ivo Zanini.